

**OS WEBSITES DOS
CENTROS DE
DOCUMENTAÇÃO E A
PESQUISA HISTÓRICA:
uso de fontes digitais**

THE WEBSITES OF
DOCUMENTATION CENTERS AND
HISTORICAL RESEARCH: use of
digital sources

LOS SITIOS DE LOS CENTROS DE
DOCUMENTACIÓN Y LA
INVESTIGACIÓN HISTÓRICA: uso
de fuentes digitales

Márcia Teixeira Cavalcanti^{1, 2}

RESUMO

Considerando os diversos *websites* dos centros de documentação como locais virtuais que possibilitam o acesso de diferentes pessoas à documentação e memória disponibilizadas por estas instituições, a proposta deste trabalho é fazer uma correlação entre a pesquisa histórica e os *websites* dos centros de documentação, almejando realizar uma reflexão sobre como, utilizando estes *websites*, é possível fazer história a partir da internet (como fonte).

PALAVRAS-CHAVE: Centros de documentação; Memória; Fontes digitais.

¹ Doutora em Ciência da Informação IBICT/UFRJ, Mestre em Ciência da Informação IBICT/UFRJ, Graduação em Ciências Sociais IFCS/UFRJ, Graduação em Letras UNESA. Professora da Universidade Santa Úrsula, Professora das Faculdades Integradas Maria Thereza. E-mail: marciacavalcanti@gmail.com. orcid.org/0000-0003-3742-9479.

² Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Santa Úrsula, Rua Fernando Ferrari, n. 75, Botafogo, CEP: 22231-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ABSTRACT

Considering the various websites of the documentation centers as virtual places that allow different people access to the documentation and memory available by these institutions, the purpose of this work is to correlate the historical research with the websites of the documentation centers, aiming to reflect on how, using these websites, it is possible to make history from the internet (as source).

KEYWORDS: Documentation centers; Memory; Digital sources.

RESUMEN

Considerando los diversos sitios web de los centros de documentación como lugares virtuales que permiten a diferentes personas acceder a la documentación y memoria disponible por estas instituciones, el objetivo de este trabajo es correlacionar la investigación histórica con los sitios web de los centros de documentación, deseando realizar una reflexión sobre cómo, utilizando estos sitios, es posible hacer historia a partir de Internet (como fuente).

PALABRAS CLAVE: Centros de documentación; Memoria; Fuentes digitales.

Recebido em: 30.05.2017. Aceito em: 01.07.2017. Publicado em: 01.08.2017.

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador... Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

Combates pela história, Lucien Febvre, 1989, p249.

Introdução

As mudanças que ocorreram na sociedade em consequência da ampliação do acesso dos indivíduos à internet atingem, obviamente, os processos de transferência da informação, além de todas as instituições que trabalham com a guarda, processamento e compartilhamento de documentos. No processo de pesquisa para a escrita da tese de doutorado, que tinha como objeto três centos de documentação no RJ e em SP, me deparei com a inviabilidade de deslocamento constante para outro estado. Uma das formas encontradas para poder sanar o problema foi consultar os *websites* destes centros, o que me colocou frente a uma realidade (ciberespaço) que modifica não só o cotidiano dos indivíduos, mas também o modo como passamos a realizar nossas atividades acadêmicas.

Sendo o ciberespaço o local de uma explosão da memória, e os diversos *websites* institucionais que o habitam portas de acesso e de saída por onde circulam grandes quantidades de informações (PIMENTA, 2010, p.195), estes locais virtuais possibilitam o acesso de diferentes pessoas à memória disponibilizada por estas instituições.

A grande superposição de tecnologias e meios eletrônicos capazes de ajudar indivíduos ou grupos nessa corrida infinda contra o esquecimento possibilitou ao homem comum e aos grupos em geral o poder de estocar informações e disseminá-las com a mesma amplitude e velocidade que as adquiriu. (PIMENTA, 2010, p.195)

Devo confessar que o convite para escrever este artigo em um campo no qual eu sinto que faço parte (história digital), mas que, ao mesmo tempo, institucionalmente e academicamente sou uma observadora, me levou a uma série de reflexões sobre meu próprio fazer acadêmico e sobre quais contribuições poderiam ser realmente bem vindas. O primeiro passo sempre é buscar bibliografia que possa auxiliar no clareamento das ideias e numa forma de se iniciar a reflexão, e a distinção de Lucchesi sobre o uso da internet pelo historiador cumpriu este papel:

[...] apesar da forte correnteza, alguns ousaram se lançar neste mar de incertezas da verificação do que vem a ser, afinal, fazer história através (Internet como ferramenta), a partir (Internet como Fonte) e com a Internet (a Internet como uma matéria que engendra a possibilidade de um novo método) (LUCCHESI, 2013).

Nossa proposta neste trabalho é fazer uma correlação entre a pesquisa histórica e os *websites* dos centros de documentação, almejando realizar uma reflexão sobre como, utilizando estes *websites*, é possível fazer história a partir da internet (como fonte).

Os centros de documentação

Os centros de documentação reúnem “por compra, doação ou permuta, documentos únicos ou múltiplos de origens diversas [...] e/ou referências sobre uma área específica da atividade humana” (TESSITORE, 2003, p.14). Sua

finalidade é de oferecer informação cultural, científica ou social especializada e têm como uma de suas competências gerais reunir, custodiar e preservar documentos de valor permanente e referências documentais úteis ao ensino e à pesquisa em sua área de especialização (TESSITORE, 2003).

Diferenciam-se dos museus, arquivos e bibliotecas pelos documentos que guardam e pelo tratamento técnico dispensado a eles. Pela característica de seu acervo, que inclui documentos arquivísticos, bibliográficos e/ou museológicos, os centros de documentação podem ser considerados como uma entidade híbrida.

Para Tessitore (2003), a tendência atual é de que nestes centros haja a predominância dos procedimentos arquivísticos, tornando estes espaços depositários de documentos únicos que, antes, não se encontravam acessíveis por não existir um local que os tratassem de forma adequada. Estes centros se transformam, então, em espaços de confiança por parte de muitos doadores para a guarda de seus documentos pessoais, porque surgem ligados a universidades, igrejas, sindicatos e não ao poder público, como os arquivos públicos.

Segundo Tessitore (2011), a primeira questão a se considerar na criação de um centro de documentação é a definição de seu recorte temático. Quanto mais clara for a sua área temática melhor será a realização de todas as atividades a ele relacionadas. Quando sua área temática está clara sua identidade se consolida fazendo dele uma referência em seu campo.

Podemos mesmo dizer que um centro de documentação é a materialização da soma de uma temática com um local, e se antes era preciso que o pesquisador realizasse uma longa pesquisa em diferentes lugares para encontrar informações sobre um tema específico, quando o tema é

contemplado como área temática de um centro de documentação a pesquisa fica menos longa, pois uma visita não apenas daria acesso aos documentos procurados como também ao local onde é possível encontrá-los, caso não estejam disponíveis neste centro específico.

As atividades de documentação dentro destes centros passam a ser exercidas por aqueles profissionais que, independente da formação, “atuam na preservação e organização de documentos de natureza arquivística, bibliográfica ou museológica.” Os valores atribuídos ao ato de registrar a atividade humana “constituem o elemento aglutinador de profissionais de várias especializações em torno de uma atividade que se fez interdisciplinar pela própria natureza que os trabalhos assumiram.” (CAMARGO, 2003, p.25-26).

Diante de todas as transformações ocorridas pelos avanços tecnológicos e pela ampliação do acesso à internet, os centros de documentação acabam chegando ao ciberespaço, sendo este um movimento natural e um caminho pelo qual estão passando todas as instituições que trabalham com a guarda de documentos. E sua “virtualização” (não só com a existência em um *website*, mas com a própria digitalização do acervo) significa uma garantia à sua continuidade.

A criação de um website de qualidade que possa realmente atender as necessidades de seus usuários é uma característica de extrema relevância, além de uma avaliação constante dos *websites*, tanto pela instituição quanto pelos usuários.

Fazer história a partir da internet

De acordo com o Dicionário de Conceitos Históricos (2010), fonte histórica é definida por “tudo aquilo que é produzido pela humanidade no

tempo e no espaço”, sendo documento o termo mais clássico para conceituá-la (SILVA, 2010, p.158). “Fontes têm historicidade: documentos que “falavam” com os historiadores positivistas talvez hoje apenas murmurem, enquanto outros que dormiam silenciosos querem se fazer ouvir” (PINSKY, 2008, p.7). A apropriação das fontes pelo historiador ocorre por meio de abordagens, métodos e técnicas.

As fontes históricas podem ser classificadas em: a) primária: aquela produzida no tempo em que está inserida; b) secundária: a análise e a interpretação da fonte primária; c) terciária: a que organiza um leque de conteúdos específicos ou variados.

A importância da diversidade de fontes para a História é decorrente das mudanças teóricas e metodológicas pelas quais esse campo do conhecimento passou nas últimas décadas. A mudança no fazer historiográfico aponta para uma preocupação com os aspectos sociais, o que se dá pela influência de dois paradigmas de explicação dominantes: o marxismo de um lado e a Escola dos Annales de outro. Lynn Hunt comenta essa mudança que ocorre no modo de se fazer História:

No final da década de 1950 e nos primeiros anos da de 1960, um grupo de jovens historiadores marxistas começou a publicar livros e artigos sobre “a história vinda de baixo”, inclusive os atualmente clássicos estudos de George Rudé sobre as classes populares parisienses, de Albert Soboult sobre os sans-culottes parisienses e os de E. P. Thompson sobre a classe operária inglesa. Com essa inspiração, os historiadores das décadas de 1960 e 1970 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres. (HUNT, 1992, p.2).

Os pesquisadores passaram a valorizar como fontes documentos tais como depoimentos, registros fotográficos, notícias de jornais, processos judiciais, atas de reuniões sindicais, registros fabris, enfim, tudo o que possa servir para resgatar a história do povo, mas todos estes tendo sua materialidade no papel.

Para Le Goff (1984), enquanto num passado recente a História tradicional reduzia documentos a textos e achados arqueológicos, hoje eles chegam a abranger a palavra, o gesto, ampliando assim o sentido do termo documento na pesquisa histórica: documento escrito, ilustrado, sonoro, imagem etc. E as mudanças decorrentes das inovações tecnológicas e da ampliação do acesso dos indivíduos à internet vão modificar a materialidade destes documentos, que agora também passam a ser digitais, seja por terem sido criados como tal, seja pela sua migração para este suporte pela digitalização, incorporando assim as fontes digitais no ofício do historiador.

A multiplicação de projetos de digitalização de acervos de bibliotecas, arquivos e museus está modificando a forma como pesquisadores brasileiros trabalham. Nos últimos 15 anos, diversas instituições se empenharam em oferecer na internet documentos, fotografias e vídeos que antes só eram disponíveis em visitas agendadas. O resultado desse esforço é sensível. Em alguns casos, a facilidade de procurar e encontrar itens com ferramentas de busca ampliou acesso a informações difíceis de garimpar manualmente, potencializando a qualidade da pesquisa. Em outros exemplos, permitiu ao menos conhecer remotamente a amplitude de determinado acervo para organizar uma consulta presencial mais rápida e eficiente (MARQUES, 2015, p.33).

Mas é preciso chamar a atenção para o fato de que a digitalização de um documento muitas vezes não dispensa uma consulta ao original. Além disso, os acervos digitais também possuem limitações, por exemplo, "não ter acesso a



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p169>

todas as informações necessárias para contextualizar as circunstâncias em que cada documento foi produzido e armazenado” (MARQUES, 2015, p.34).

A difusão da “Era da Internet” na primeira década do século XXI tem provocado grandes transformações na forma como obtemos e absorvemos as informações. Estas mudanças têm provocado grandes discussões entre os pesquisadores de história sobre a utilização dos documentos digitais e sua utilização como fonte primária e objeto de pesquisa. Fator este que tem motivado a troca direta de experiências e discussões dos problemas e vantagens ocasionados por esta ferramenta dentro da comunidade de estudiosos, abrindo um novo cenário de discussões sobre sua utilização ou não no ofício do historiador (VIEIRA, 2010).

Para que um documento possa ser fonte histórica é preciso que ele assim seja selecionado, ou seja, um documento não nasce como fonte, é a escolha do historiador que vai torná-lo. Para que esse documento assuma o caráter de fonte é preciso que sua integridade seja garantida, que não esteja sujeito a mudanças que não possam ser registradas, e também que sua autenticidade seja possível de ser comprovada. Por que as fontes constituem a matéria prima da História, sua autenticidade é de extrema importância, pois é na fonte histórica que vai se apoiar o conhecimento produzido na área.

Autenticidade: qualidade de um documento ser exatamente aquele que foi produzido, não tendo sofrido alteração, corrompimento e adulteração. A autenticidade é composta de identidade e integridade. Identidade é o conjunto dos atributos de um documento arquivístico que o caracterizam como único e o diferenciam de outros documentos arquivísticos (ex.: data, autor, destinatário, assunto, número identificador, número de protocolo). Integridade é a capacidade de um documento arquivístico transmitir exatamente a mensagem que levou à sua produção (sem sofrer alterações de forma e conteúdo) de maneira a atingir seus objetivos (FLORES, 2016).

Ao se falar em fazer história a partir da internet como fonte é preciso esclarecer que a internet é apenas um espaço de abrigo, de preservação, a fonte mesmo é aquilo que está dentro da internet, e mais especificamente com relação ao proposto por este trabalho, a fonte está dentro do acervo disponibilizado nos *websites* dos centros de documentação, configurando-se em fonte digital.

Os centros de documentação no mundo virtual

Em 2000 o “Livro Verde” já previa a ampliação do espaço de atuação das instituições de memória para o ciberespaço, criando assim um novo espaço de uso e transferência da informação.

Os arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação cumprirão papel estratégico. Viabilizarão, para pessoas e comunidades não diretamente conectadas, o acesso público, gratuito e assistido aos conteúdos da Internet. Reproduzirão, na Internet, a função de operar coleções de conteúdos organizados segundo metodologias e padrões de seleção e qualidade. (TAKAHASHI, 2000, p.65)

Um dos caminhos seguidos pelos arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação já existentes para reproduzir na internet a função citada acima foi criar *websites* que disponibilizassem seus acervos e instrumentos de pesquisas (inventários, catálogos, listagens), total ou em partes, para consulta *online*. O planejamento, criação e gerenciamento de um *website* implica em oferecer aos usuários serviços que já existiam antes de sua criação, de forma total ou parcial, além de criar outros não existentes (JARDIM, 2002, p.4).

Como estes acervos estavam em suportes físicos foi necessário que passassem pelo processo de digitalização, que consiste em transferir um documento de seu suporte original para a forma de uma imagem digital, o que permite a manipulação da imagem, embora dinamize o acesso ao seu conteúdo.

Cavalcanti (2014), em sua pesquisa de doutorado, analisou os *websites* de três centros de documentação para verificar se estes seguiam os parâmetros estabelecidos para a transferência eficiente da informação buscada pelos usuários. Para isso, se baseou nos critérios apresentados na tese de doutorado de Anna Carla Mariz (2005) "Arquivos públicos brasileiros: a transferência da informação na internet", e nas "Diretrizes para construção de *websites* de instituições arquivísticas" (2000). De sua pesquisa é possível concluir que os *websites* dos centros de documentação analisados, de maneira geral, estão de acordo com os critérios apresentados e que a transferência da informação nestes espaços ocorre de forma satisfatória. Mas como estes centros de documentação podem funcionar como um espaço de disponibilização de fontes para a pesquisa histórica na internet?

Com relação à indagação anterior, partiremos da obra de Juan Andrés Bresciano (2010), que, de maneira geral, discute como as inovações tecnológicas produzem mudanças nos suportes e formatos documentais, além de darem origem a uma nova classe de documentos: os documentos digitais. Mas antes de nos determos neste ponto específico, achamos necessário apresentar a discussão levantada por Fábio Chang de Almeida (2011) sobre o pouco uso da internet como fonte primária nas pesquisas históricas e sobre a classificação elaborada pelo autor de fontes digitais.

Em seu texto, Almeida (2011) aponta, como explicações para este comportamento de evitar o uso da internet como fonte por parte do historiador, a tradição historiográfica baseada no suporte em papel e a ausência de uma ampla discussão teórico-metodológica sobre o assunto. Em determinado momento passa a discutir a questão do documento digital, que é precisamente o ponto que nos interessa.

A “fragilidade” da existência de um documento no ciberespaço, onde muitos sites que abrigavam a fonte digital podem ser retirados do ar sem aviso prévio e seu conteúdo se perder, faz do historiador o responsável não só pela análise como também pela preservação da informação. Almeida indica, como uma possível solução para as pesquisas históricas que utilizam fontes digitais, o salvamento do documento digital em formato PDF (ALMEIDA, 2011, p.16), construindo o historiador seu próprio banco de dados de fontes digitais para a pesquisa.

[...] podemos considerar que “documento digital” é aquele documento – de conteúdo tão variável quanto os registros da atividade humana possam permitir – codificado em sistema de dígitos binários, implicando na necessidade de uma máquina para intermediar o acesso às informações. Tal máquina é, na maioria das vezes, um computador (ALMEIDA, 2011, p.17).

Definido o que é documento digital, o autor cria uma tipologia de classificação de fontes digitais, que organiza na forma de tabela (Figura 1), em que identifica a existência de dois tipos básicos de fontes digitais que podem ser utilizadas em uma pesquisa histórica:

Fontes Digitais		
Fontes Primárias Digitais		Fontes Não-Primárias Digitais
↓		↓
Documentos primários digitais		Documentos não-primários digitais
↓		Exemplos: Livros, dissertações, teses, <i>papers</i> e artigos em formato digital.
Documentos primários digitalizados	Documentos primários digitais exclusivos	
Documentos que existem em outro suporte, anterior à digitalização. Exemplo: pôster da II Guerra após sofrer processo de digitalização.	Documentos que não existem em outro suporte, além do digital. Exemplo: alguns <i>sites</i> da Internet.	

Tabela 1: Os tipos de fontes e documentos digitais utilizáveis pelo historiador.

Figura 1: print da tabela 1 os tipos de fontes e documentos digitais utilizáveis pelo historiador.
Fonte: ALMEIDA, 2011.

As fontes primárias digitais se desdobram em documentos primários digitais, e em mais um desdobramento são categorizadas em "documentos primários exclusivos" e em "documentos primários digitalizados", que "são aqueles resultantes do trabalho de digitalização da documentação "tradicional" já existente" (ALMEIDA, 2011, p.19), sendo estes o foco do nosso interesse, pois os centros de documentação que se tornaram uma referência no campo da pesquisa acadêmica passaram pelo processo de digitalização de seu acervo, criando assim documentos primários digitalizados que passam a ser fontes primárias digitais de pesquisa, seja para o campo da História ou para qualquer outra área de interesse.

Bresciano (2010) aponta a emergência dos suportes eletromagnéticos e os formatos digitais em fins do século XX, e como estes vão condicionar de

forma exponencial as maneiras de se registrar, organizar e comunicar as experiências históricas, além de permitirem a digitalização de todas as formas conhecidas de fontes. E como resultado disso “a documentação eletrônica [...] se impõe tanto no âmbito estatal como no social, na vida pública e na vida privada, gerando novos métodos heurísticos” (BRESCIANO, 2010, p.18, tradução nossa). Citando Turkel, que levanta alguns dos problemas enfrentados pelo historiador nos dias atuais, aponta a tendência para digitalização maciça de fontes preinformáticas, ou seja, fontes em outros suportes anteriores ao digital.

Segundo Bresciano (2010), a digitalização se configurou em uma das funções primordiais a serem cumpridas pelas bibliotecas, arquivos e museus nacionais, gerando um volume relevante de coleções que agora podem ser consultadas *online*, tanto pelos usuários locais como por aqueles distantes. E cita a iniciativa do Google e da Microsoft de digitalizar dezenas de milhões de livros, permitindo assim que a cultura digital possa absorver os conteúdos da cultura impressa. Para ele, apesar das facilidades apresentadas hoje em relação à digitalização de documentos, alguns cuidados devem ser tomados, e para isso apresenta um conjunto de seis critérios técnicos básicos que se deve seguir ao se decidir pela digitalização.

Buscaremos responder a indagação anterior de “como estes centros de documentação podem funcionar como um espaço de disponibilização de fontes para a pesquisa histórica na internet?” a partir da análise do *website* do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), o primeiro centro de documentação brasileiro de História Social, usando em nossa análise os critérios apontados por Bresciano (2010), na medida em que seja possível aplicá-los. Acreditamos que estes critérios devem ser seguidos por qualquer instituição que esteja fazendo

do ciberespaço também sua área de atuação, a partir da digitalização de seus acervos.

A análise será mais especificamente do projeto AEL Digit@l, em andamento desde fevereiro de 2011, que visa à preservação e à ampliação das possibilidades de informação e pesquisa em seu acervo. Com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) foi criado um Laboratório de Digitalização no AEL e a infraestrutura básica para o armazenamento dos documentos digitalizados através do projeto "Arquivo Edgard Leuenroth: Digitalização e acesso on-line visando a preservação e a ampliação das possibilidades de informação e pesquisa em seu acervo".³

(i) Os materiais não devem ter sido previamente digitalizados. Às vezes, grandes somas de dinheiro são investidas na reprodução de fontes que já foram armazenadas em formato eletrônico. Não é fácil verificar se já existe uma determinada coleção digitalizada, uma vez que esta informação pode ser enganosa (BRESCIANO, 2010, p.19, tradução nossa).

Ao efetuar o login na página AEL Digit@l, os conjuntos documentais disponíveis para download são apresentados no menu lateral esquerdo. Estes conjuntos documentais são: Brasil Nunca Mais, Comitê Brasileiro para Anistia, Edgard Leuenroth, Francisco Gaona, Fundación Pluma, IBOPE, Internacional Comunista, Periódicos, Maurício de Lacerda, Perter Eisenberg. Uma breve consulta aos acervos já torna possível supor que se trata de material único disponível no AEL e, por conta disso, que ainda não tinha sido digitalizado por outra instituição. Mas é preciso esclarecer que algumas coleções que integram estes conjuntos documentais estavam, anteriormente, em microfílm, e que muitas coleções microfilmadas não são únicas, ao contrário, possuem cópias

³ AEL Digit@l (<http://www.ael.ifch.unicamp.br/ael-digital>)



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p169>

também em microfilme em outros centros de documentação, além do próprio documento em seu suporte original.

(ii) O uso de ferramentas de reprodução não deve representar qualquer tipo de risco para as fontes. Assim como outras formas alternativas, tais como fotocópias ou microfilmagem, as cópias digitais podem afetar o suporte e o conteúdo do documento, quer por manipulação dos materiais ou por exposição a certos tipos de factores físico-químicos (BRESCIANO, 2010, p.19, tradução nossa).

Não temos meios de verificar se este critério foi obedecido na digitalização do acervo do AEL, mas mediante sua posição de referência no que tange à área de centros de documentação, acreditamos que as medidas corretas tenham sido tomadas para preservar a integridade do documento original.

(iii) Os documentos digitalizados devem ser ordenados e classificados e devem formar um fundo que mantenha a sua unidade e integridade. Às vezes, as fontes se encontram desordenadas e os conteúdos de vários fundos são intercalados arbitrariamente [...] (BRESCIANO, 2010, p.20, tradução nossa).

Os documentos digitalizados devem ser mantidos ordenados e classificados, e também se deve manter sua unidade e integridade, assim como se espera que ocorra com o documento em seu suporte físico. Todos os conjuntos documentais que estão disponíveis para consulta na página do AEL Digit@l estão ordenados e classificados por coleções e fundos. Todos possuem instrumentos de pesquisa que são compostos por lista de fundos e coleções e por inventários. Ao clicar sobre qualquer uma delas o pesquisador é direcionado para consulta no PESQUISARQH, que é o Sistema de Arquivos Históricos, onde aparece uma tabela listando todos os arquivos, na qual o

pesquisador pode escolher marcar apenas um ou todos, e ao clicar no botão gerar guia o instrumento de pesquisa abre em outra aba, podendo ser salvo em PDF.

Na página inicial do projeto AEL Digit@l são elencadas alguns avisos, dentre eles é informado que parte dos documentos digitalizados pelo projeto não estão disponíveis no site por questões legais ou por estarem em processamento técnico, mas que eles podem ser acessados diretamente na sede do AEL. É possível supor, então, que a digitalização dos documentos respeitou seu arranjo original no suporte físico.

(iv) A digitalização deve permitir um acesso muito mais eficaz e eficiente às fontes do que outros meios alternativos. Pela sua própria natureza, alguns documentos são fáceis de encontrar e consultar, caso em que a reprodução digital não supõe um avanço para a divulgação de seu conteúdo (BRESCIANO, 2010, p.20, tradução nossa).

Como dito anteriormente, muitos dos conjuntos documentais depositados no AEL são formados por documentos únicos, como é o caso do próprio acervo Edgard Leuenroth, que dá nome ao AEL. A Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP comprou da família de Edgar Leuenroth, um pensador anarquista e militante das causas operárias, toda a coleção de documentos impressos por ele reunidos durante sua militância, sendo este material único e, portanto, sua digitalização uma forma de democratizar seu acesso.

(v) O pesquisador, a equipe de investigação ou a instituição que decide recorrer à digitalização deve possuir as ferramentas necessárias para garantir a consulta aos materiais aos seus potenciais usuários. Não é suficiente dispor de instrumentos de reprodução para que o processo tenha êxito: é preciso uma infraestrutura que permita um acesso amplo - mediante a divulgação através de CD ou em uma website - e um serviço regular, através de um compromisso

institucional para garantir a continuidade no acesso e prestar assessoria ao usuário (BRESCIANO, 2010, p.20, tradução nossa).

O *website* do projeto AEL Digit@l, por ser um *website*, já cumpre uma das exigências apresentadas. Além disso, proporciona ao usuário o amplo acesso ao acervo digitalizado e uma estrutura de atendimento, inclusive em outro idioma. Logo na página inicial do *website* encontra-se o link para "atendimento". Ao selecioná-lo o usuário é direcionado para uma página que informa que o acesso é público e gratuito, sendo possível consultar todos os documentos depositados no AEL. Além disso, se os documentos solicitados estiverem recolhidos para procedimentos de conservação, o usuário será informado na ocasião, e mesmo fundos e coleções ainda não inventariados e que se encontram na reserva técnica também poderão ser consultados, mediante agendamento prévio. Em todos os conjuntos de documentos disponíveis no projeto AEL Digit@l está informado exatamente qual material encontra-se digitado e como consultar o material que ainda não foi.

(vi) Os requisitos técnicos para reprodução, armazenamento, edição, gestão e disseminação de materiais, devem ser calculados com exatidão. Estes cálculos não são sempre realizados de forma precisa, e como resultado disso alguns projetos baseados em trabalho voluntário se finalizam de forma prematura, sem alcançar os resultados desejados (BRESCIANO, 2010, p.20, tradução nossa).

O projeto AEL Digit@l conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), através do projeto "Arquivo Edgard Leuenroth: Digitalização e acesso on-line visando a preservação e a ampliação das possibilidades de informação e pesquisa em seu acervo". Mediante o financiamento da Fapesp, foi criado um Laboratório de Digitalização no AEL e a infraestrutura básica para o armazenamento dos documentos digitalizados, o

que pode ser considerado como uma garantia para que o projeto não tenha um fim prematuro, além de conseguir alcançar o resultado desejado de ampliação do acesso ao acervo por parte dos pesquisadores e do público interessado.

Considerações finais

No desenvolvimento deste trabalho questionamos como os acervos digitais disponibilizados nos *websites* dos centros de documentação podem ser usados como fontes na pesquisa histórica. Para isso, foi analisado o *website* do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL), mais especificamente o projeto AEL Digit@l, usando nessa análise os critérios apontados por Bresciano (2010) que deveriam ser seguidos por qualquer centro de documentação que deseje fazer do ciberespaço também sua área de atuação, a partir da digitalização de seus acervos.

Sabemos que nem todos os centros de documentação seguem o rigor de organização apresentado pelo AEL, pois este rigor demanda custos que muitos centros não podem arcar. Ainda assim, cremos que a tomada de decisão pela digitalização dos acervos documentais por parte destas instituições, ainda que venha sendo feita a passos lentos, significa que medidas que garantam a organização e o acesso estejam sendo tomadas por parte de seus dirigentes.

Muitos dos centros de documentação existentes no Brasil estão relacionados a programas de Pós-Graduação, alguns tendo sido criados a partir da iniciativa de grupos de professores destes programas que decidiram doar seus documentos, reunidos para a realização de suas próprias pesquisas, que se constituem muitas vezes em coleções documentais únicas. Como exemplo podemos citar o Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, AMORJ, que

foi criado em 1987 por um grupo de professores como complemento da pesquisa financiada pela FINEP sobre trabalhadores industriais cariocas e fluminenses.

As características comuns na criação de muitos centros de documentação faz com que estes locais sejam depositários de coleções documentais únicas, fazendo de seu acervo um excelente espaço de consulta para a pesquisa histórica, e a digitalização deste material, ainda que crie alguma resistência por parte dos pesquisadores, é uma forma de democratização destes acervos, e também um modo de lhes dar visibilidade.

Qualquer historiador que deseje realizar sua busca por fontes digitais deve seguir uma série de cuidados na seleção destas fontes, mas somente a mudança de comportamento em relação a seu uso e a quebra das resistências que muitos historiadores ainda apresentam podem ampliar o debate tanto sobre o uso quanto sobre os critérios de seleção.

Referências

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**, UFRGS, nº. 8, vol.3, Janeiro - Junho 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 15 maio 2017.

BRESCIANO, Juan Andrés. **La historiografía em el amanecer de la cultura digital**. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur, 2010.

CAMARGO, Célia Reis et al. **CPDOC 30 anos**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2003.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v3n5p169>

CAVALCANTI, Márcia Teixeira. Os centros de documentação universitários como espaços de institucionalização de “novas” memórias. **Tese** (Doutorado em Ciência da Informação). Rio de Janeiro: CNPq/IBICT – UFRJ/ECO, 2014.

FLORES, Daniel. **Sistemas informatizados de acesso e gestão da preservação em documentos históricos permanentes**. Fórum Permanente: as instituições-memória e as tecnologias da informação e comunicação: desafios contemporâneos. Campinas - SP. 61 slides, color, Padrão Slides Google Drive/Docs 4x3. Material elaborado para a Palestra na Unicamp, 12 de abril de 2016. Disponível em: <<http://documentosdigitais.blogspot.com>>. Acesso em: 12 de abril 2016.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JARDIM, José Maria. Entre o local e o virtual: os arquivos municipais na Internet. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS MUNICIPAIS**, 2002. Rio de Janeiro, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal. **Anais** do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf. Acesso em: 15 maio 2017.

MARQUES, Fabrício. Resgate de conhecimento. **Revista Pesquisa FAPESP**, FAPESP, nº231, 2015. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/05/15/resgate-de-conhecimento/?cat=politica>. Acesso em: 10 out. 2016.

PIMENTA, Ricardo Medeiros. **Memória e legitimidade no mundo sindical: usos políticos do passado no circuito Brasil e França (1970/2010)**. Orientadores:

Marco Aurélio Santana e Icléia Thiesen. Tese (Memória Social). Rio de Janeiro, PPGMS/UNIRIO, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TESSITORE, Viviane. Arquivos e centros de documentação. Um perfil. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. (org.). **Introdução à história pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

VIEIRA, Irlan Mark Elias. História e Cibercultura: O Documento Digital como Fonte Histórica. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, UFS, v. 3, p. 109-115, 2010. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3225/2830>. Acesso em: 19 maio 2016.